

Notas acerca do debate sobre a a-historicidade da teoria psicanalítica

Walter Firmo de Oliveira-Cruz

Resumo

O presente artigo retoma problemáticas cruciais para o desenvolvimento da teoria psicanalítica, desde o momento de sua fundação por Sigmund Freud até os dias atuais. Discute a posição que esta teoria se encontra na condição de suporte crítico ao desenvolvimento de novas formulações sobre o universo subjetivo. Assim, procura refletir especificamente sobre as propostas ditas pós-modernas de psicoterapia, em especial o pensamento histórico-cultural e esquizoanalítico. Por fim conclui que diferente do que vem anunciado pelas referidas propostas, a psicanálise mantém vivas em seu corpo teórico as possibilidades de interlocução e apropriação do mundo subjetivo, sendo esta condição para sua existência nos dias atuais.

Palavras-chave:

Psicanálise; Subjetividade; Crítica.

Resumé

Cette article reprend des problematiques crucieux pour le développement de la théorie psychanalytique, depuis le moment de sa fondation pour Sigmund Freud jusqu'au présent. Debat la position que cette theorie se reencontre dans la condtion de support critique au développment de nouvelles formulations sur l'univers subjectif. Ainsi, cherche reflechir spécifiquement sur les propositions dites postmodernes du psychothérapie, surtout la pensée historique-culturelle et la esquizoanalyse. Finalement, conclure que différemment du annoncé pour cettes propositions, la psychanalyse maintient vivre dans sien corps theorique les possibilités de interlocution et appropriation du monde subjectif condiction meme pour sa existence aujourd'hui.

Mots-clés:

Psychanalyse; Subjectivité; Critique.

PRIMEIRA NOTA: CRIAÇÃO

Desde sua invenção por Sigmund Freud, ainda no final do século XIX, a psicanálise costuma provocar reações que se constroem diferentemente conforme tempo e lugares em que se insere. Não raramente estas reações se traduzem no formato de críticas ferrenhas que visam desde seus aparatos conceituais, sua cientificidade, até a postura ou a forma de condução de um tratamento por um psicanalista. Podemos mesmo afirmar com segurança que já em seu surgimento houve um grande desconforto provocado por seus pressupostos que, de certa forma, afrontavam a moral vitoriana hegemônica na sociedade ocidental do século XIX. Especificamente, foi na medida em que a psicanálise inseriu no campo do saber novas formas de pensar o homem, apresentando a estrutura de seu psiquismo e dando ênfase especial aos processos inconscientes, passamos a presenciar uma reordenação no saber instituído: um questionamento de conceitos até então vigentes, especialmente aqueles ligados aos padrões de normalidade do comportamento. O homem da razão, sabedor de si, cartesiano, agora transformado em refém de seu próprio psiquismo.

É interessante ressaltar que o contexto científico na área da saúde no final do século XIX dedicava-se especialmente a descrever e classificar sintomas, comportamentos e tipos físicos, copiando o modelo de pesquisa produzido pelas ciências naturais. Aquilo que não podia ser descrito, classificado, medido, avaliado, não fazia parte do rol de objetos de interesse científico. As tipologias como as de Kretschmer ou Sheldon, que procuravam relacionar aspectos físicos a padrões de comportamento, assim como as famosas pesquisas de Lombroso, que associavam características do crânio ou da face a traços de personalidade (notadamente dos criminosos), são exemplos do modelo de pesquisa no campo da saúde mental desenvolvidas na época. Assim, as preocupações de Freud sobre os sonhos, atos falhos, chistes e comportamentos que não apresentavam base orgânica e conseqüentemente explicação médica, eram tomados como desprezíveis do ponto de vista das novas áreas do conhecimento que procuravam se solidificar. Freud então, neste sentido, andava na contramão do espírito científico da época, muito mais tomado pelo método clínico de pesquisa do que na busca de estabelecer padrões humanos como comumente ocorre nas pesquisas de cunho acadêmico. De certo modo podemos afirmar que a psicanálise acaba nos dizendo que, quando se trata

de humano, tentar estabelecer padrões e normalidade talvez não seja um caminho muito seguro.

Mais de um século após a psicanálise ter passado a fazer parte da cultura ocidental, o desconforto causado inicialmente diminuiu sua intensidade. Na verdade, hoje podemos afirmar o contrário: a psicanálise faz parte do saber cotidiano de boa parte da população. A incorporamos em nosso universo de tal forma que muitos de seus conceitos hoje se confundem com o saber popular. "Ego", "Complexo de Édipo" ou "trauma psíquico", são alguns entre muitos exemplos conceitos psicanalíticos que fazem parte de nosso dia a dia.

Através do uso de expressões, da resignificação e incorporação de conceitos de uma teoria pela população, um saber passa a interferir no cotidiano e na forma de compreendermos a vida. No entanto, empregamos conceitos livremente, sem a obrigação de necessariamente primar por sua exatidão. Como que "naturalmente" expressões são assimiladas ao vocabulário comum e passam a fazer parte de nossos saberes sem que tenhamos necessariamente a dimensão de seu alcance. Ninguém pensa na exatidão conceitual quando se refere a outro, nomeando-o, por exemplo, de histérico. Não precisamos e nem temos como realizar um psicodiagnóstico para fazermos tal afirmação em nossos cotidianos. No entanto, não nos furtamos de usar tal expressão e, de uma maneira ampla, comungamos da idéia do que estamos querendo dizer quando a utilizamos.

Há, porém, constructos específicos na psicanálise que encontram maior resistência a aceitação, tanto no meio científico quanto popular, especialmente quando o que se sabe a respeito deles não vai além de informações repassadas. Fazendo uma pequena digressão neste ponto, este é, aliás, o risco que corremos sempre que formamos uma convicção baseada não em estudos, mas em opiniões ou versões emitidas por terceiros. Por outro lado há o que se costuma chamar de "beber na fonte": estudar as obras referenciais e não ficar apenas na leitura de comentadores. Textos que costumam ser de leitura mais assimilável, mas que escondem, justamente nesta facilidade, nesta versão, a riqueza e o poder de ruptura de um novo conhecimento. Prática esta que consideramos ser bastante comum no campo psi, e que contribui para a cristalização de sentidos, interpretações vazias e fortalecimento de preconceitos.

Retomando então o ponto que deixamos em suspenso um pouco acima, a saber a resistência a certos constructos psicanalíticos, temos na teoria freudiana um elemento que causou (e causa ainda

hoje) resistência: a noção da existência de uma sexualidade infantil. Isto é, a descoberta de Freud de que ao longo de nossas vidas há formas distintas de vivenciarmos a sexualidade e que isto, antes de se constituir como uma perversão ou anormalidade é parte de nosso desenvolvimento psicosexual. No entanto, apontar para algo que costuma ser tido como tabu no laço social, provoca comumente desconfiança quando não rechaço total. Aliás, boa parte das críticas que Freud sofria centravam-se no chamado pansexualismo psicanalítico: ou seja, a idéia de que a psicanálise colocaria o sexual em um lugar central na teoria, reduzindo todo fenômeno psíquico a esta dimensão. No entanto, uma observação sobre este assunto é importante: não devemos perder a noção de que justamente os conteúdos que temos maior dificuldade em lidar em nossas vidas são aqueles que procuramos guardar em lugares suficientemente seguros para não termos que enxergá-los com freqüência. Assim também em sociedade agimos no que diz respeito aos conteúdos geradores de conflito psíquico.

Freud apresentou-nos a libido, a energia, a pulsão de caráter sexual que movimenta boa parte de nossas investidas ao longo da vida. Passamos a entender a noção de que temos um desenvolvimento psicosexual ao longo de nossa existência e que, longe do que se gostaria de admitir (especialmente na época e no contexto que Freud vivia), há na criança uma sexualidade e esta se encontra em diferentes zonas erógenas do corpo, conforme as etapas do desenvolvimento infantil.

Esta teoria, apresentada somente em 1915 (Além do Princípio do Prazer), foi já uma reformulação do ponto de partida de Freud, que até então considerava a existência de uma cena traumática inicial, núcleo original das neuroses, emergentes especialmente no momento das primeiras vivências da sexualidade adulta. Cena traumática esta que estaria invariavelmente ligada a alguma forma de sedução que, enquanto criança, se teria sido vítima.

Foi preciso que a teoria psicanalítica se desenvolvesse e que novos pesquisadores surgissem (e aqui destacamos Jacques Lacan), para que o "sexual" freudiano fosse levado para a estrutura da linguagem. Refere-se assim mais a uma representação da condição humana de sujeitos faltantes, desejantes, que somos, do que propriamente o sexual, tal como entendido no sentido vulgar da palavra: sexual, seccionado, cortado. Existimos do ponto de vista subjetivo porque algo nos falta. A vida torna-se assim uma busca que não se satisfaz, diferenciando desejo de necessidade. Por isso vivemos, porque não satisfazemos nosso desejo.

Pois bem, para a grande maioria daqueles que lutam para

fazer do psiquismo um objeto que se adequê as exigências da ciência moderna, a psicanálise sempre se constituiu num campo nebuloso e dificultador desta realização. Tendo o inconsciente como objeto principal de estudo, a psicanálise desde a sua constituição andou na contramão do racionalismo positivista que domina o campo da ciência, lidando justamente com aquilo que escapa às explicações lógicas, tão caras à ciência. Ciência esta, cabe lembrar, que utilizava principalmente o modelo das ciências naturais, classificatórias e descritivas. A medicina assim como a psicologia – a procura de um modelo próprio – pode-se dizer, utilizou (e utiliza) amplamente este modelo investigatório.

Sonhos, esquecimentos, lapsos, atos-falhos, isto é, aquilo que até então se constituía como um verdadeiro lixo para a ciência foi o ponto de partida para o desenvolvimento deste (novo) saber.

SEGUNDA NOTA: DESCONSTRUÇÃO

Entendido que o conhecimento psicanalítico desenvolveu-se como uma grande força, propondo uma teoria ampla sobre o aparelho psíquico bem como uma forma de tratamento das psicopatologias, outras duas frentes no campo psi também obtiveram forte expressão no século XX: o behaviorismo com sua proposta de fazer da psicologia uma ciência de acordo com os preceitos positivistas e a chamada “terceira força”, que engloba as teorias humanistas existenciais, no qual se destacam a Abordagem Centrada na Pessoa – ACP e a Gestalt. Estas teorias, tidas como clássicas na construção do conhecimento psicológico ao longo das décadas passadas chegam ao século XXI com novos desafios propostos pela mudança de paradigmas das ciências humanas e da filosofia.

Entretanto, é preciso perceber que para além de nossas teorias, há um processo contínuo de transformação nos paradigmas do conhecimento, gerando novas formas de compreensão de fenômenos e objetos de investigação. Na verdade, as teorias que desenvolvemos acabam justamente refletindo concepções filosóficas acerca dos nossos objetos de investigação. Assim, podemos dizer que ao longo da história do conhecimento, partimos, por exemplo, de noções substancialistas do homem, platônicas, e chegamos até as concepções chamadas hoje de desconstrutivas, que defendem a idéia de um “homem narrativa”, entendida por muitos daqueles que julgam que a modernidade já se esgotou.

A construção dos andaimes do saber pós-moderno traz consigo a crítica ao conhecimento estabelecido, atingindo

diretamente as teorias modernas. Neste sentido, a psicanálise, na condição de teoria que atravessou mais de um século produzindo discurso acerca das estruturas do psiquismo, surge como alvo principal de muitos teóricos contemporâneos, que vêem nela a representação de valores que devem ser superados. GUATARRI (1992, p. 22) é um destes autores que, tendo iniciado seu percurso de estudo na própria psicanálise, parte para o questionamento da validade que teria a teoria freudiana nos dias atuais:

Será que os conceitos de inconsciente, que nos são propostos no "mercado" da psicanálise, convêm às condições atuais da produção de subjetividade? Será preciso transformá-los, inventar outros? (...) O inconsciente freudiano é inseparável de uma sociedade presa ao seu passado, às suas tradições falocráticas, às suas invariantes subjetivas. As convulsões contemporâneas exigem, sem dúvida, uma modelização mais votada para o futuro e a emergência de novas práticas sociais e estéticas em todos os domínios.

Guatarri busca apresentar a psicanálise como uma teoria datada e, mais que isso, ligada a valores que não encontram mais sentido na sociedade atual. Assim, apresenta-a como uma peça de museu que representaria uma curiosidade acerca da história: presa a seu passado. Dito de outra forma cristaliza a teoria freudiana, afirmando que ela não tem condições de perceber as variantes da subjetividade, permanecendo ligada a estruturas fixas. Estaria, portanto, a serviço da manutenção de valores, sem condições de incorporar o que existe de novo; o que se transforma e pulsa no meio social.

De várias maneiras e com enfoques particulares, as críticas lançadas atualmente à psicanálise tendem a considerá-la incapaz de captar aquilo que de novo se produz na subjetividade, ficando assim a reproduzir um modelo desgastado e responsável pela manutenção do status quo. A idéia de um conhecimento que reduz o sofrimento mental ao seu conteúdo intrapsíquico e que toma o modelo médico de poder do terapeuta sobre o paciente como parâmetro de tratamento. Assim, nesta leitura apresentada do que seria a psicanálise, o "paciente" seria aquele que necessitaria se conhecer, trazer a tona conteúdos conflituosos inconscientes para aprender a lidar com eles de maneira mais saudável e menos neurótica. A psicanálise seria uma espécie de arqueologia do

inconsciente que procuraria encontrar nas profundezas de nosso aparelho psíquico as causas de um sofrimento atual. Segundo ainda apresentado por Guatarri acima, quando se refere às tradições falocráticas, invariavelmente se trataria de conteúdos que diriam respeito a valores fálicos de centralização do poder (típicos de uma sociedade machista).

Após apresentação sucinta sobre sua visão da teoria freudiana, Guatarri (1992, p. 23) lança as bases de seu modelo de inconsciente:

Optei por um inconsciente que sobrepõe múltiplos estratos de subjetivações, estratos heterogêneos, de extensão e de consistência maiores ou menores. Inconsciente, então, mais “esquizo”, liberado dos grilhões familiaristas, mais voltado para práxis atuais do que para fixações e regressões em relação ao passado. Inconsciente de Fluxo e de máquinas abstratas, mais do que inconsciente de estrutura e de linguagem.

Podemos concluir com Guatarri que as idéias apresentadas neste texto encontram-se em perfeito alinhamento com o pensamento pós-moderno, na medida e que consideramos este como uma forma de desconstrução dos modelos existentes. Isto é, há uma referência direta ao que não é seu inconsciente: livre dos aprisionamentos e determinantes familiares de um passado. Um inconsciente não substancializado, estagnado como aquele que Guatarri apresenta como sendo da psicanálise. Não há entretanto propriamente um método em sua obra, mas a concepção de que o sujeito se reinventa através do que chamou de autopoiese:

(...) Entretanto, não considero minhas “cartografias esquizo-analíticas” como doutrinas científicas. (...) O importante neste caso não é o resultado final, mas o fato de que o método cartográfico multicomponencial coexistir com o processo de subjetivação e de ser assim tornada possível uma reapropriação, uma autopoiese, dos meios de produção da subjetividade (idem, p.23).

Se tivermos a noção de que o sujeito existe na linguagem, especificamente na narrativa, é preciso que ele se reinvente a todo instante, garantindo assim o seu existir. A teoria esquizoanalítica

fala de uma perspectiva de futuro que muitas vezes se confunde com uma produção imaginária do ser: "Os objetos de arte e do desejo são aprendidos em territórios existenciais em que nenhuma entrada existencial tem prioridade sobre outras" (Idem, p.120). Algo difícil de ser pensado quando queremos sair do meio especulativo filosófico e passamos a pensar na intervenção terapêutica; na clínica propriamente dita. Neste ponto parece que o que vale é a negação de um modelo instituído, representante mais uma vez de algo que precisa ser combatido e reinventado.

Cabe ressaltar aqui que em determinados momentos fica bastante evidente a distância que separa pesquisas que são feitas puramente no ambiente acadêmico especulativo e as que surgem compostas por reflexões oriundas do espaço clínico. Lidar com o sofrimento psíquico exige bem mais que teorizações e especulações sobre a natureza do ser: há uma dimensão que o conhecimento acadêmico não consegue abarcar que diz do Encontro; encontro com a letra "e" maiúscula, no sentido que representa estar aberto para a alteridade. Estar implicado numa relação em que sujeitos constituem uma nova configuração de ser, que já não é mais analista ou analisante. Uma experiência ética, poderia se dizer.

Neste sentido as práticas psi são absolutamente diferentes de outras formas de intervenção na medida em que esta distinção que teoricamente se faz entre analista – analisante, apresenta faces imprevisíveis e que se mantêm justamente por não poderem ser antecipadas ou sobredeterminadas. Por isso fala-se de um Encontro. De estar eticamente comprometido com o outro para a produção de novos sentidos. Uma abertura necessária.

Perspectiva Histórico-cultural:

Desenvolvida pelo psicólogo cubano radicado no Brasil, Fernando González Rey, a abordagem histórico-cultural se denomina como uma proposta psicoterapêutica pós-moderna produzida através de um processo dialógico que visaria não a origem de uma patologia, mas produzir novas opções de desenvolvimento para a pessoa. Em seu enfoque, valoriza, porém, a história e os contextos de vida do sujeito para a produção de opções de subjetivação. Assume como bases filosóficas de seu pensamento o marxismo, o pragmatismo, a filosofia da ciência, a hermenêutica e a teoria da complexidade (GONZALEZ REY, 2007, p. 130.).

O primeiro passo, assim como Guatarri, trata de estabelecer uma crítica às escolas psicológicas estabelecidas, considerado-as herdeiras do modelo biomédico alicerçada nos preceitos doença-cura, médico-paciente, que atua em consultório individual. Isto é, para González Rey estamos impregnados de um imaginário

fundamentado num modelo que foi simplesmente transposto para as psicoterapias, tomando as psicopatologias de forma análoga às patologias orgânicas. Assim, em sua perspectiva que projeta o sujeito a formular novos sentidos e configurações subjetivas, as psicoterapias existentes (e em especial a psicanálise) inversamente, acentuariam o caráter intrapsíquico que aprisiona o desejo. O entendimento de que há uma estrutura inconsciente, no qual o sujeito não teria liberdade para produzir novos significados, em oposição ao caráter transformador que engloba os processos de subjetivação são, sem dúvida, um ponto central na crítica dirigida à Freud. Neste sentido, González Rey (2007, p. 5) formulará da seguinte forma:

Essa representação de Freud a respeito das fontes universais da vida psíquica, mantém o desejo prisioneiro de forças intrapsíquicas, o que dificulta o desenvolvimento de uma teoria da subjetividade suscetível de se representar o caráter histórico e cultural dos processos de subjetivação, seja dos sujeitos singulares concretos, seja dos cenários sociais nos quais se desenvolvem as atividades humanas.

Aqui abrimos parênteses para assinalar a posição privilegiada que a psicanálise acaba ocupando no que tange a ser eleita como principal alvo a ser combatido quando se quer apresentar um novo pensamento. Isto é, não se constrói o novo no campo psi sem desenvolver uma reflexão crítica sobre a psicanálise: parâmetro que acaba por reforçar sua importância no cenário mundial. Embora González Rey discuta também com outras teorias psicoterápicas (destacamos aqui o humanismo, cujas aproximações são evidentes), a teoria psicanalítica acaba sendo sua principal interlocução.

No entanto, quando nos detemos na forma como é apresentada a teoria psicanalítica em sua obra, percebemos claramente que há uma negação a todos os avanços e transformações que esta vem sofrendo ao longo de muitas décadas. Isto é, a obra freudiana e a teoria psicanalítica são tomadas como sinônimos.

A importância de Freud ao desenvolver sua teoria e um método terapêutico, passa a ser confundida, na medida em que se busca reduzir tudo que foi desenvolvido a seus primórdios. É por demais evidente que Freud foi um homem do século XIX, de formação médica, e que ao longo de sua vida, apesar da intensa produtividade, reformulou sua teoria e deixou muitos caminhos por serem percorridos. Entretanto, no momento em que se quer atingir

uma determinada teoria, enfraquecê-la datando-a, surge como uma alternativa. Negar as milhares de contribuições ao pensamento freudiano e ao desenvolvimento da psicanálise que são produzidas anualmente em todo o mundo, é querer não ver sua atualização e contextualização.

A visão que González Rey (2007, p. 49) nos apresenta da psicanálise constitui-a como uma teoria parada no tempo e fechada sobre si mesma. Torna-se, aliás, difícil compreender como ainda subsistiria produzindo um saber que estranho ao sujeito "pós-moderno":

A psicanálise freudiana (...) teve em seus procedimentos terapêuticos uma forte influencia das práticas médicas da época, especialmente no que está relacionado à representação objetiva, individual, determinista e racionalista que desenvolveu sobre a cura. Aquela sexualidade presente nas mais diversas manifestações humanas e que definia o lado subjetivo dessas expressões era relegada na cura a um espaço dócil e pontual, acessível por meio das palavras no vínculo de transferência. No processo de psicoterapia, as tendências inconscientes passam a ser conscientes para o sujeito, perdendo seu caráter patológico nesse processo. De que forma simples e linear nos apresenta esse processo!

Realmente, não nos resta muito mais do que concordar com o autor repetindo sua exclamação final: de que forma simples e linear nos apresenta esse processo! Resumir a psicanálise a uma tentativa de tornar consciente, processos inconscientes, é realmente confundi-la com uma psicoterapia e perder aquilo que tem de radical: o reposicionamento subjetivo do sujeito frente a sua fantasmática. E isto de forma alguma se confunde com uma tomada de consciência ou insight.

A formulação freudiana do aparelho psíquico não prescinde nem é anterior a subjetividade. Neste sentido, embora os conteúdos inconscientes tenham sua dinâmica própria, caótica e atemporal, não significa dizer que as formações que vão constituir estes conteúdos sejam desconectadas da história, da cultura e da subjetividade. Não precisamos ir mais longe do que lembrar dos sintomas apresentados pelas histéricas no final do século XIX e aqueles que surgem nos dias de hoje: a paralisia, desmaio, e cegueira deu lugar à bulimia, anorexia e a impotência sexual. As patologias se desenvolvem na subjetividade, que é histórica social e cultural. Boa parte da pesquisa

em psicanálise hoje se dedica a pensar os sintomas sociais e suas transformações. Igualmente, não podemos deixar de mencionar que o setting analítico a muito deixou de ser o consultório clássico com sua poltrona de couro e divã. Os espaços se configuram pela escuta clínica e não por paredes ou nomeação de lugares. É preciso querer ver e entender mais do que formas simples e lineares.

TERCEIRA NOTA: IDEOLOGIA

Quando a construção do conhecimento se alia a ideologia de forma acrítica vemos proliferar patrulhas do pensamento a procura de idéias a serem combatidas. Assim argumentos políticos, ideológicos e científicos, quando não místicos muitas vezes se confundem e passam a criar uma atmosfera obscurantista. Não se quer aqui defender a posição ingênua de pensar que não existe política na ciência. Por outro lado, sabe-se que esta interferência tende a produzir respostas que legitimem, do ponto de vista científico, ações que refletem posições ideológicas. Enfim, um complexo emaranhado que dificilmente é explicitado e que interfere nas diferentes áreas do conhecimento, em diferentes países.

No campo psi, o Brasil tem sido um terreno em que teorias e forças políticas têm se relacionado nas últimas décadas tomando diferentes colorações. Assim, vemos correntes do pensamento se fortalecerem ou enfraquecerem por aliança ou oposição a regimes. Especificamente no que concerne à psicanálise, sabemos que houve uma grande influência no país a partir da migração de profissionais de países latinoamericanos (em especial argentinos) que necessitaram deixar seus países na época em que viviam sob ditadura militar. Assim, o pensamento freudiano, que já era difundido aqui desde o início do século XX¹, ganha grande impulso na década de 70. Neste momento em que também o Brasil passava por um regime ditatorial, instituições de formação e congregação de psicanalistas constituíam-se em espaços de resistência e discussão política. Muitos militantes encontraram na psicanálise espaço de partilha de experiências clandestinas e de reflexão sobre o pensamento totalitário. O exílio a que muitos foram submetidos também colaborou para um estreitamento da psicanálise desenvolvida no Brasil e o pensamento lacaniano. Roudinesco (2000, p.144) escreve sobre esta relação entre psicanálise e ditadura militar:

Nesse aspecto convém sublinhar que as ditaduras militares não impediram a expansão da psicanálise na

América Latina (sobretudo no Brasil e na Argentina). Isso se prende à natureza delas, que foi diferente da dos dois sistemas totalitários que a destruíram na Europa.

Passado o período da ditadura e o estabelecimento de novas configurações políticas, a psicanálise surge, para muitos que passam a militar no campo psi, como representante do pensamento burguês, preocupado em responsabilizar o sujeito por seus infortúnios ao invés de lutar pela transformação da sociedade. Assim vemos crescer a militância dos que se lançam a criticar o que chamam de caráter adaptacionista da psicanálise, elegendo-a dentre as teorias psicológicas existentes, como representante do descomprometimento do mundo psi com a realidade social. Vemos aí se construir um novo cenário no campo das forças. Neste sentido os espaços políticos de organização (dos psicólogos, em especial), surgem como principal canal de divulgação deste novo posicionamento. Inicialmente os sindicatos de categoria (década de 80) e posteriormente assumindo as gestões dos conselhos profissionais, passam a ocupar espaços privilegiados de divulgação de idéias e, por que não dizer, teoria.

Não é difícil entender como as formulações que apresentam questionamento ao status quo adquirem força no Brasil, quando sabemos que acumulamos séculos na condição de coadjuvantes na produção do conhecimento, importando teorias desenvolvidas em outros contextos. Afinal, sabemos que a colonização cultural não se acabou com a "independência" do país. Entretanto, "jogar a criança com a água do banho" talvez não seja a melhor resposta que podemos produzir.

Vale lembrar que quando nos situamos no campo do saber pré-paradigmático, como o das teorias psi, "A Verdade" constitui-se numa miragem que perseguimos, mas que se mostra sempre precária e provisória.

QUARTA E ÚLTIMA NOTA: PARA NÃO CONCLUIR

Buscou-se apresentar aqui algumas contribuições sobre o debate acerca das principais críticas que a psicanálise vem sofrendo nos últimos anos. Sabe-se da precariedade destes argumentos que aqui foram apresentados de forma um tanto sucinta como incompleta. Há diversos aspectos que devem ser aprofundados no sentido de provocar diálogos e novas formulações. Neste sentido

as críticas que são produzidas nos processos de elaboração do pensamento contribuem para uma reflexão maior sobre as teorias.

Entretanto é preciso também que se pense de forma crítica as promessas de bem-estar que são formuladas em profusão nos dias de hoje e que muitas vezes se apresentam com nomes complexos. Há panacéias para todos os males adequando-se de maneira absolutamente anatômica a um mundo que quer respostas rápidas e que nos ajudem a ocultar nosso sofrimento. Quando pensamos, por exemplo, que nos dias atuais boa parte do sofrimento psíquico se apresenta sob a forma de depressão (ROUDINESCO, 2000), entendemos porque de nossa obsessão cada vez maior pela droga, religiosidade ou culto ao corpo perfeito. Damos nome àquilo que nos falta para que possamos encontrar o objeto perdido. Entretanto:

Por isso, através de suas (psicofarmacologia) ilusões, alimentou um novo irracionalismo. É que, quanto mais se promete "fim" do sofrimento psíquico através da ingestão de pílulas, que nunca fazem mais que suspender sintomas ou transformar uma personalidade, mais o sujeito, decepcionado, volta-se em seguida para tratamentos corporais ou mágicos (idem, p. 22).

Não é difícil pensarmos como nos dias atuais a falta de referências coletivas novamente nos lança a procura cada vez mais obscurantistas. As lutas polarizadas se esvaíram no espaço e não temos mais espírito coletivo que nos assegure sustentação. O comunismo deixou de ser esperança de uma sociedade mais fraterna e a ditadura militar a algum tempo deixou o poder em nosso país. Maio de 68 já mostra seus cabelos brancos e nada se ofereceu como alternativa de engajamento; não há mais barricadas nas ruas nem escudos para se apedrejar. Hoje o espaço sindical e estudantil se limita a organizar festas e fornecer documentos que proporcionam descontos. Assim somos lançados a própria sorte, procurando inventar novas lutas, novas idéias. O inimigo antes nomeado e identificado parece habitar em nós mesmos. Terreno fértil para o desenvolvimento de saberes que venham ocupar o vazio inexorável.

Finalizando sem propriamente pretender concluir, podemos fazer assim como Freud que não deixou de repensar e reformular seus próprios conceitos, reinterpretação modelos antigos a luz de novas experiências. Recorrendo uma vez mais a Roudinesco (idem, p. 130):

Se o freudismo incluiu o conjunto das correntes que recorrem, simultaneamente, a um método clínico centrado no tratamento pela fala (a psicanálise) e a uma teoria que pressupõe uma referência comum à sexualidade, ao inconsciente e à transferência, as divergências entre as tendências são de importância capital. Elas assinalam a que ponto a história da psicanálise confunde-se com a das sucessivas interpretações que se fizeram da doutrina original construída por Freud. E é justamente por ter dado origem a todos esses componentes que o freudismo produziu, ao mesmo tempo, um dogmatismo e as condições de uma crítica desse dogmatismo, uma historiografia oficial, apoiada na idealização de suas próprias origens (idolatria do mestre fundador), e uma historiografia formal, capaz de revisar esse dogma.

Notas

¹ Em 1927 Durval Bellegarde Marcondes funda em São Paulo a Sociedade Brasileira de Psicanálise, a primeira da América Latina. Nos anos seguintes colaborou para a formação da Universidade de São Paulo, criando as primeiras cátedras brasileiras de psicologia, psicanálise e higiene mental.

Referências Bibliográficas

FREUD, Sigmund. Além do princípio do Prazer. In Edição Standard Brasileira das Obras Completas, Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1972 (1915).

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. Freud e o inconsciente. 21ª Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

GONZALEZ REY, Fernando. Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação. São Paulo: Thomsom Learning, 2005.

_____. Psicoterapia, subjetividade e pós-modernidade: uma aproximação histórico-cultural. São Paulo: Thomsom Learning, 2007.

GUATARRI, Félix. Caosmose – um novo paradigma estético. São Paulo: Editora 34, 1992.

ROUDINESCO, Elisabeth. Por que a psicanálise? Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

Recebido em: 11/05/2008

Aceito em: 30/05/2008

Sobre o autor

Walter Firmo de Oliveira-Cruz

Mestre em Psicologia Social e Institucional (Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS); Membro da Associação Psicanalítica de Porto Alegre - APPOA; Professor da UFPI/CMRV.

e-mail: wacruz@ufpi.br